

## QUESTÕES E PROBLEMAS

### RESTRIÇÕES CONTEXTUAIS NA CODIFICAÇÃO E DECODIFICAÇÃO

Nádia Ribeiro MOREIRA

(Universidade Federal do Ceará)

#### 1. Introdução

Na língua portuguesa, o contexto da palavra, isto é, o ambiente da palavra em que se encontra a letra impõe restrições grafêmicas. Assim, em determinadas situações podemos ou não usar determinadas letras e isso nos é indicado pela posição da letra na palavra e pela relação da letra com aquela que a antecede ou aquela que lhe segue.

Se ouvirmos a palavra [s̃iha'suki], embora não a conheçamos, podemos fazer algumas suposições sobre o modo de escrevê-la na língua portuguesa. Por que isto ocorre? O significado da palavra nada nos informa sobre sua grafia. O seu significante, a imagem sonora da palavra, porém, nos diz algo. O conhecimento que já temos de palavras escritas no português também nos orienta nessa tarefa. Vejamos as suposições que faríamos:

. a primeira letra poderia ser s ou c. Não poderia ser outra letra nem outras letras juntas, mesmo que estas possam representar o mesmo som. O conhecimento que já temos de outras palavras escritas no português nos diz que em posição inicial de palavra jamais ocorre o c cedilhado; também não ocorrem os dígrafos ss, sc, sç, xc<sup>1</sup>, que representam o mesmo som de nossa palavra em outras. Assim, de posse desses conhecimentos, teríamos 50% de possibilidade de acertar a grafia da primeira

letra.

. a segunda letra poderia ser *i* para falantes de várias regiões brasileiras. Para nós, cearenses, poderia ser *i* ou *e*, porque conhecemos a escrita da palavra "encabulo", em que a primeira sílaba é escrita com *e* mas é falada com [ĩ], pois dizemos [ĩka'bulu]

. a terceira letra, que irá representar a nasalização da segunda só poderá ser *n*. Sabemos disso porque observamos o som que vem depois, o som [h]. O nosso conhecimento de como as letras se distribuem nas palavras é que nos informa que antes do som [h], se queremos nasalizar a vogal, só podemos usar *n*. Se o som fosse [p] ou [b] usaríamos *m*.

. a quarta letra, que irá representar o som [h], só poderá ser *r*. É novamente o conhecimento das restrições contextuais sofridas pelas letras nas palavras que nos orienta. Sabemos que depois de consoante não se pode empregar *rr*, que representaria o mesmo som, mas em outro ambiente.

. a quinta letra só poderá ser *a*. Esta é uma das poucas letras que sempre corresponde a um mesmo som, quando este é oral.

. a sexta letra, representante do som [s], oferecerá várias possibilidades de escolha. Poderíamos representá-lo com as letras *c*, *ç*, *s*, *ss*, *sc*, *xc*, *x*, *xs*, se a sua ocorrência fosse em outros ambientes. No dessa palavra, já não seriam tantas as possibilidades gráficas. Sabemos que *c*, antes do som [u], representa o som [k], e isto elimina a possibilidade de usarmos *c*, *sc* e *xc*. Sabemos que *s*, entre vogais, representa o som [z] e o eliminamos também. A possibilidade de o som [s] ser representado por *x* é quase nula<sup>2</sup>, e assim também sua utilização não seria provável. O

mesmo se dá com o dígrafo *ss*.<sup>3</sup> Restringindo então nossas escolhas a *ç* ou *ss*, teríamos novamente 50% de probabilidade de acertarmos a representação desse som.

. a sétima letra só poderá ser *u*. O nosso conhecimento da escrita do português nos diz que o som [u], sendo tônico, é sempre representado por *u*.

. a oitava letra poderá ser *c* ou *qu*. Isso se considerarmos as letras isoladamente. Mas no caso de nossa palavra, só poderá ser *qu*, pois *c*, antes de [i], representa o som [s].

. a nona letra poderá ser *e* ou *i*. Sabemos, porém, que a grande maioria de palavras de nossa língua que terminam pelo som [i], em sílaba átona, é escrita com *e*. Assim, ou eliminamos, com uma enorme probabilidade de acerto, a letra *i* ou a empregamos, acrescentando um acento à penúltima sílaba.

Chegamos finalmente às grafias prováveis da palavra ouvida. De acordo com a nossa análise, poderíamos escrevê-la *sinraçuque*, *sinraçúqui*, *cinraçuque*, *cinraçúqui*, *sinrassuque*, *sinrassúqui*, *cinrassuque*, *cinrassúqui*, se não considerarmos as variações dialetais. Todas as outras grafias foram eliminadas pelo nosso conhecimento das restrições contextuais, ou seja, das regras de emprego de letras, regras ditadas pela posição da letra na palavra e pela relação da letra com aquela que a antecede ou lhe segue.

Neste artigo, examino o uso dessas restrições contextuais por sujeitos experientes no trato com a língua escrita, ao grafar e ler palavras inventadas; tento identificar estratégias que interferem na atualização de regras ortográficas aplicadas a palavras cuja imagem visual inexistente e verificar até que pon

to estratégias adotadas para a escrita guardam relações de dependência para com aquelas empregadas na leitura, aqui considerada como decodificação - associação entre respostas sonoras e estímulos gráficos.

## 2. Metodologia

Participaram da experiência treze sujeitos graduados em letras e alunos de um curso de pós-graduação; alguns eram professores de Língua Portuguesa; outros, de Lingüística ou de língua estrangeira, inglês ou francês.

A palavra [sĩna'suki] foi ditada a cada aluno, individualmente, tendo-lhe sido dada a seguinte instrução: "Vou ditar para você uma palavra inventada. Tente escrevê-la de acordo com a ortografia do português".

Depois de todos terem escrito a palavra ditada, foi-lhes apresentada, também individualmente, a palavra "pasuca" e pedida a sua leitura.

## 3. Comentário dos resultados

O conhecimento das restrições contextuais orientaria os sujeitos no emprego do *n*, antes do som [h]; desse som representado por *r*, depois de *n*; de [s] intervocálico, representado pelas letras *ss* ou *ç*; de [i] átono final, representado por *e*, ou *i* com acento na penúltima sílaba.

Algumas dessas regras contextuais parecem ser mais recorrentes que outras. Confrontem-se na tabela 1, as diferentes porcentagens de alunos a observá-las quanto ao emprego das diferentes representações gráficas.

Tabela 1

Observância das restrições contextuais na representação gráfica dos sons [ĩ], [h], [s] e [i].

f e %

Representações gráficas	Observância		Não Obser.	
	f	%	f	%
[ĩ]	13	100	-	-
[h]	09	69	04	31
[s]	07	54	06	46
[i]	12	92	01	08

O emprego da letra *n*, antes da consoante velar, como nasalizadora da vogal antecedente [ĩ] foi observado pela totalidade dos sujeitos. Entretanto, a representação gráfica de [h] no ambiente inicial de sílaba precedida por vogal nasalizada por *n* não foi corretamente executada por 31% dos sujeitos, que aí utilizaram o dígrafo *rr*. Outra incorreção gráfica, embora em bem menor porcentagem, ocorreu com a representação do som [i] em ambiente final átono, tendo aí sido utilizada a letra *í*. Mas a maior porcentagem de incorreção, 46%, registrou-se na representação gráfica do som [s] em ambiente intervocálico, tendo os seis sujeitos usado a letra *s* para grafar esta representação.

Podemos supor então que embora o fator posição-da-letra-na-palavra estabeleça determinadas regularidades entre unidades gráficas e unidades fônicas, essas regularidades

contextuais não são totalmente dominadas ou inferidas mesmo por aqueles sujeitos com escolaridade de 3º grau, nem tão pouco apresentam uniformidade de recorrência: determinadas regras são mais observadas que outras. Os sujeitos que infringiram estas regras contextuais provavelmente, ao escrever, apóiam-se mais na imagem visual das palavras do que nas regras gerais que orientam a ortografia portuguesa. É provável que, embora sendo alunos de pós-graduação, ainda cometam frequentes erros ortográficos desse tipo ao registrar palavras que nunca viram impressas.

Não só cometem esses erros na produção escrita como também na decodificação oral. Dos seis alunos que usaram a letra *s* entre vogais para representar o som [s], quatro leram a palavra "pasuca" como [pa'suka]. Os mesmos sete alunos que representaram o som [s] de modo adequado, isto é, com *ss* ou *ç*, leram a palavra como [pa'zuka], como mostra a tabela 2.

Tabela 2

Frequência das restrições contextuais da letra *s* na grafia e na leitura.

Grafia	Leitura	f
[sîha'suki]	"pasuca"	
ss	[z]	04
ç	[z]	03
s	[z]	02
s	[s]	04

Na tabela acima, vemos que os quatro sujeitos a utilizar o dígrafo *ss* para a representação do [s] intervocálico, decodificaram a letra *s* intervocálica como [z]. O mesmo o correu com aqueles que preferiram recorrer à letra *ç*. Por outro lado, aqueles quatro outros sujeitos que codificaram incorretamente o som [s], usando em ambiente intervocálico a letra *s*, também incorretamente decodificaram essa letra nesse mesmo ambiente, pronunciando [s] em vez de [z].

Não obstante onze sujeitos dos treze da amostra (85%) terem sido congruentes quer na correção ao codificar e decodificar, quer na incorreção do mesmo, dois sujeitos (15%) decodificaram corretamente apesar de terem incorretamente codificado. A que se deveria essa discrepância? Teríamos aí um caso de erros de desempenho (Corder, 1981), erros casuais, provenientes de lapsos de memória, emoção, desatenção, que permitem uma autocorreção por serem facilmente percebidos?

Em vez de procurarmos resposta para esta indagação, tentaremos compreender as estratégias adotadas para a escrita e a leitura que subjazem aos erros sistemáticos: codificação incorreta-som [s] para a letra *s* em ambiente intervocálico; decodificação incorreta - letra *s* para o som [s] em ambiente intervocálico.

Para esta reflexão, consideramos pertinente o estudo de Bryant e Bradley (1983). Os autores, ao abordarem estratégias psicológicas em jogo no desenvolvimento da leitura e da escrita, mencionam duas habilidades essenciais implicadas no enfrentamento da linguagem escrita: a fonológica, envolvendo o uso do código alfabético, e a visual, envolvendo o reconhecimento visual de palavras inteiras

ou de seqüências de letras. Embora essas estratégias estejam presentes na criança, é a sua distribuição apropriada o fator responsável para uma leitura e escrita eficientes. Assim, conquanto possua as duas estratégias, o aprendiz às vezes delas não tira vantagens no momento oportuno, usando mais uma que outra ou usando uma e negligenciando outra.

Afirmam Bryant e Bradley (p.167) que leitores jovens e "backward readers" tendem a conduzir-se por segmentos fonológicos, quando escrevem, mas abandonam esse procedimento quando lêem. Na leitura, concentram-se no reconhecimento visual de "chuncks" ou de seqüências de letras.

Dois diferentes ângulos da linguagem escrita são, portanto, manejados de diferentes modos por leitores imaturos. Suas dificuldades da escrita podem ser o resultado de sua relutância em orientar-se por seqüências de letras, apesar de estas mesmas seqüências constituírem o suporte de sua leitura, e suas dificuldades em leitura podem ser, em parte, devidas à sua relutância em usar estratégias, tais como a fonológica, a qual, não obstante, adotam quando escrevem. No caso de leitores normais, a especialização é provavelmente um fenômeno transitório, afirmam os autores. Seus

dados revelam que essa separação original entre as duas atividades desaparece após dois ou três anos de experiência em leitura e escrita, passando as crianças então a orientar-se por palavras inteiras ou seqüências de letras quando escrevem, e a usar segmentos fonológicos para construir palavras, particularmente palavras desconhecidas, quando lêem.

Os aportes desse estudo para o nosso



trabalho vão no sentido de uma possível identificação de estratégias que emergem em certos leitores e "escribas" ao se defrontarem com palavras desconhecidas (inventadas). Talvez, nessa ocasião, haja uma regressão na distribuição apropriada de estratégias: ao ortografar estas palavras, determinados sujeitos tendem à segmentação fonológica, sem lidar com seqüências de letras, não aplicando assim o conhecimento das restrições contextuais que, para serem observadas, necessitam do manejo de seqüências. A seqüência [asu] não tendo sido percebida analiticamente, do todo para as partes, mas segmentadamente. Da mesma forma, estes sujeitos, quando lêem palavras inventadas, tendem também a regredir a estratégias iniciais, desprezando os segmentos fonológicos e a análise dos valores relativos das representações gráficas no contexto. E, justamente por não analisarem o valor relativo de cada letra, atribuem-lhe o seu valor fonológico primário, ou como diz Lemle (1980:85), "o valor fonético 'normal' da letra". Por conseguinte, para eles, a letra s, mesmo intervocálica, tem o som de [s], em palavra desconhecida. Disso talvez se possa inferir uma certa correspondência na inadequação de estratégias tanto para a escrita quanto para a leitura. Enquanto os sujeitos que adequadamente codificaram o [s] intervocálico e decodificaram a letra s intervocálica adotam estratégias fonológicas e visuais apropriadamente, acionando ambas interativamente na escrita e na leitura, os sujeitos que inadequadamente codificaram e decodificaram parecem relutar quanto a esse uso interativo, valendo-se de estratégias exclusivas, ora para uma ora para outra ati-

vidade.

Novas pesquisas se fazem necessárias a fim de se verificar não só essa mesma ordem de dificuldade presente na escrita e na leitura e os fatores aí interferentes, mas também a discrepância ocorrida entre leitura e escrita: o caso dos sujeitos que codificaram inadequadamente o som [s], mas decodificaram adequadamente a letra s, ambos no mesmo contexto. O que faz com que um grafema seja decodificado na base de conhecimentos contextuais, mas impede que um som o seja na mesma base?

Talvez compreendendo-se melhor o que se passa, atue-se de maneira mais eficaz no ensino da ortografia, uma vez que os erros que resultam da inobservância das restrições impostas pelo contexto para o uso de determinadas letras poderiam ser considerados de fácil correção, pois existe uma previsibilidade ligada ao contexto: dependendo da posição da letra na palavra ou dependendo das letras vizinhas, para determinado som só poderemos utilizar determinada letra ou determinada letra terá sempre determinado som.

#### NOTAS

- (1) A não ser em caso de expressões estrangeiras, como "scilicet" ou em termos técnicos de botânica, como "scheuchzeriáceas".
- (2) A letra x, representando o som [s], ocorre geralmente diante de [i]; não encontramos qualquer outra palavra em que esta letra represente esse som diante de [u] a não ser defluxo ( [s] ou [ks] ).
- (3) Ocorrem-nos apenas as palavras exsucção, exsudar, exsurgir e derivados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRYANT, Pater E. & Lynette BRADLEY (1983) Psychological strategies and the development of reading and writing. In M Martlew (ed.) *The Psychology of Written Language*. Chichester : John Wiley & Sons.
- CORDER, S. Pit (1981) *Error Analysis and Interlanguage*. Oxford: Oxford University Press.
- LEMLE, Miriam (1980) A Tarefa da alfabetização - etapas e problemas no português. In *Relatório da Reunião Técnica de Estudos sobre Educação nas Áreas Rurais do Nordeste*. MEC, Secretaria de Ensino de 1º e 2º graus.